



Texto recebido em 08/05/2025

Aprovado em 06/06/2025

doi 10.11606/0103-2070.ts.2025.236636

Os anos vermelhos de um sociólogo

Entrevista com Fernando Henrique Cardoso

Por Marcelo Ridenti

Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-3999-5442>

Introdução à entrevista

Na entrevista que segue, realizada como parte de minha pesquisa sobre a Guerra Fria cultural no Brasil (Ridenti, 2022), Fernando Henrique Cardoso contou mais demoradamente sobre sua passagem pelo Partido Comunista do Brasil (PCB) no começo dos anos 1950. Não era segredo que o sociólogo e ex-presidente da República teve uma ligação com o partido. Fato que ele explicitou, por exemplo, num trecho da matéria para a *Folha de S.Paulo*, por ocasião do falecimento do economista Paul Singer, amigo e ex-colega da Universidade de São Paulo (USP), do grupo do seminário d'*O capital* (seminário Marx) e do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap). Cardoso lembrou que Singer havia sido membro do “Partido Socialista, e eu pertencera ao Partidão de 1949 a 1954” (Cardoso, 2018).

Essa datação às vezes varia, segundo o próprio Fernando Henrique. Por exemplo, ele já afirmou que “entre 1949 e 1955 tive um período de aproximação com o Partido Comunista. Nessa altura eu era muito amigo do Fernando Pedreira, casado com Renina Katz, na época ambos eram comunistas” (Cardoso, 2015). Perguntado a respeito das datas na entrevista a seguir, ele disse que se lembra com precisão apenas de personagens e situações, e conta que sua aproximação com o Partido se deveu



a amizades, sobretudo com Fernando Pedreira (Cardoso, 2013). Como ambos só se conheceram quando o jornalista se mudou para São Paulo em maio de 1951, é provável que o início da relação mais próxima com os comunistas tenha sido naquele ano ou no seguinte. Além disso, o sociólogo observou que não fazia política como estudante de graduação, tendo ingressado no curso de Ciências Sociais da USP em 1949. Nesse ponto, sua memória confirma a de Pedreira, um pouco mais velho, que afirmou tê-lo conhecido quando o sociólogo estaria no último ano de faculdade, aproximando-se do Partido na época em que já era um jovem professor assistente (Pedreira, 2016, pp. 116-119).

O jornalista carioca conta que foi redator e secretário da revista mensal comunista *Fundamentos*, “um quadro na direção do aparelho intelectual ou cultural do Partidão na Pauliceia” (Pedreira, 2016, p. 246, 300). É provável que ele tenha sido responsável por fazer o nome de Fernando Henrique constar no extenso comitê de redação da revista entre 1952 e 1955, ao lado de intelectuais comunistas que marcaram época¹. Talvez esse ano tenha sido o último do sociólogo ligado ao Partido, mas é difícil precisar, já que o envolvimento era fluído; parece que Cardoso foi mais um companheiro de viagem do que militante propriamente dito, apesar do compromisso e de se ver retrospectivamente como membro do PCB. Nos termos dele, na entrevista a seguir, “todos éramos comunistas. Propriamente, do ponto de vista orgânico, a relação era mais frouxa” (Cardoso, 2013). O fim do envolvimento foi sacramentado pela repercussão negativa da invasão da Hungria pelas tropas soviéticas em 1956, como ele reiterou no depoimento. As datas precisas, nesse caso, são menos relevantes. Importa sobretudo a inserção num meio intelectual e artístico fortemente marcado pela presença comunista, com o qual Cardoso se identificava.

O sociólogo escreveu apenas um artigo para *Fundamentos*, publicado em janeiro de 1952, quando ainda era aluno no final da graduação em Ciências Sociais. Nele, criticava o livro *Retrato sincero do Brasil*, de Limeira Tejo (1951), um jornalista a quem faltaria “apoio em métodos científicos de apreensão e interpretação da realidade”. Justamente os métodos que Cardoso aprendia com a escola liderada por Florestan Fernandes na USP. Além disso, segundo o jovem acadêmico, a obra de Tejo ignoraria que “o Estado é apenas um aparelho de dominação e que numa sociedade

1. Eis a composição do conselho de redação da revista *Fundamentos* (n. 26, mar. 1952): Afonso Schmidt, Álvaro de Faria, Aparício Torelly, Artur Neves, Astrojildo Pereira, Bráulio Pedroso, Caio Prado Jr., Clóvis Graciano, Edson Carneiro, Eduardo Sucupira, Eunice Catunda, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pedreira, Fernando Segismundo, Gilberto de Andrade e Silva, Graciliano Ramos, Gonçalves Machado, José Eduardo Fernandes, José Menezes Campos, João Belline Burza, Luiz Enjolras Ventura, Léo Ribeiro de Moraes, Mário Schenberg, Moacyr Werneck de Castro, Omar Catunda, Rivadávia Mendonça, Rossine Camargo Guarnieri, Rui Barbosa Cardoso, Samuel Barnsley Pessoa, Vilanova Artigas, Walter Sampaio.

estratificada em classes (como a nossa) esta instituição passa a ser dirigida pela classe dominante, isto é, numa sociedade capitalista são os próprios homens de negócios que exercem o poder (direta ou indiretamente)". Mesclada com a inspiração evidente desse raciocínio em Marx, que não é mencionado explicitamente, aparecia ainda a influência implícita de Weber, também por exemplo quando afirmava: "A formação de uma burocracia corresponde às necessidades de racionalização das ações humanas no campo da administração, necessidades estas que surgem juntamente com um tipo de dominação chamada pelos sociólogos de racional-legal, que se verifica numa certa fase de desenvolvimento das sociedades capitalistas" (Cardoso, 1952).

Nesse texto do jovem Fernando Henrique Cardoso, transparece implicitamente a concordância com a interpretação do Brasil de Caio Prado Jr., historiador comunista que tinha visão divergente das teses predominantes no Partido e de quem o sociólogo viria a se aproximar na revista *Brasiliense*, de propriedade do historiador, passando a integrar o conselho de redação a partir de janeiro de 1957². A influência de Prado Jr. já se revelara quando o sociólogo em formação escrevia que "no século XIX havia uma economia de base capitalista atuando no Brasil, basta considerarmos a exploração de nossa agricultura tendo em mente a produção em grande escala, sua colocação no mercado internacional, e o financiamento em bases capitalistas desta produção" (Cardoso, 1952). Esse raciocínio chocava-se com a interpretação dos comunistas sobre as supostas sobrevivências de relações feudais ou semifeudais no campo. Isso não foi empecilho para que o nome de Fernando Henrique Cardoso passasse a constar no conselho de redação da revista *Fundamentos* logo depois, em março de 1952.

Comentários sobre a ligação com o Partido não são raros nos depoimentos memorialísticos do ex-presidente e nos escritos sobre ele, mas costumam ser breves, sem se deter nessa experiência que muitos ignoram ou consideram menos significativa para compreender o conjunto de sua obra e longa vida. Na entrevista que me concedeu em 2013, agora publicada, ele falou com mais detalhe no tema, evidenciando aspectos das ligações embrulhadas dos comunistas com setores das elites brasileiras. A conversa ilumina não apenas as conexões intelectuais e artísticas, mas também as políticas, profissionais, acadêmicas, militares, tudo mesclado com

2. A revista *Brasiliense* foi criada em 1955 e encerrada devido ao golpe de 1964. O nome de Cardoso consta no conselho de redação em todos os seis números de 1957. Publicou lá o artigo "Desenvolvimento econômico e nacionalismo" (n. 12, jul.-ago. 1957). Provavelmente foi o período de seu envolvimento mais orgânico com a revista, com a qual seguiu contribuindo com artigos nos anos seguintes. Em 1957, o conselho de redação era composto por: Álvaro de Faria, Caio Prado Jr., Catulo Branco, Edgard Cavalheiro, E. L. Berlinck, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pedreira, Heitor Ferreira Lima, João Cruz Costa, Nabor Caires de Brito, Paulo F. Alves Pinto, Paulo Dantas, Sérgio Milliet. Diretor-responsável: Elias Chaves Neto.

relações pessoais, envolvendo amizades, parentesco, formação escolar e vizinhança, em ampla rede de sociabilidade. Esses aspectos se destacam no depoimento, que oferece um breve painel da vida nos círculos intelectuais e artísticos paulistanos no início dos anos 1950, especialmente os considerados de esquerda, a circular em ambientes como a USP, o Museu de Arte de São Paulo (Masp), a Bienal, o Instituto dos Arquitetos, a redação de algumas revistas e jornais, as livrarias Francesa, Brasiliense, Parthenon e outras. Tudo localizado no centro histórico e nos bairros nobres da cidade de São Paulo.

A entrevista de Cardoso vai na mesma direção de declarações de outros intelectuais e artistas que pertenceram àquele ambiente paulistano no início dos anos 1950. Por exemplo, segundo o cineasta comunista Alex Viany, todo o pessoal jovem do cinema em São Paulo “ou era do Partido ou era próximo do Partido” (Viany, 1986)³.

No contexto de início da Guerra Fria, a vitória da revolução chinesa de 1949 reforçava a convicção de que o mundo caminhava na direção comunista, a corrente política principal que derrotara o nazifascismo na Segunda Guerra Mundial. A necessidade de escolher um lado impunha-se para muitos artistas e intelectuais. Os soviéticos conduziam um bloco que parecia indicar as vias para o futuro, apesar dos problemas, contradições e debilidades teóricas e políticas, os quais – esperava-se – seriam corrigidos ao construir o caminho do desenvolvimento.

A universidade brasileira era incipiente no começo dos anos 1950, com destaque sobretudo para a USP, onde as Ciências Sociais apenas começavam a se firmar e institucionalizar, tendo Fernando Henrique Cardoso como um dos principais articuladores. Ele fez parte de um ambiente cultural efervescente de jovens intelectuais e artistas que buscavam um lugar na sociedade brasileira em momento de modernização acelerada. Construía-se um campo intelectual, cujo devir era incerto para quem começava a vida profissional; várias possibilidades se abriam, algumas envolvendo convergência com os comunistas.

A aproximação de Fernando Henrique Cardoso com o Partido, a exemplo de outros intelectuais e artistas de sua geração, ligava-se ainda ao questionamento das desigualdades e do subdesenvolvimento, temas indissociáveis que marcariam o conjunto de sua obra, construída depois que se afastou do Partido, conforme comenta na entrevista. Ele revisitou sua relação com os comunistas, depois com a revista *Brasiliense*, o seminário Marx, até sua contribuição para a teoria da dependência

3. A vida e a obra de Viany tiveram estreita ligação com sua militância comunista, como demonstrou Arthur Autran (2003). Para melhor compreender os anos 1950 em São Paulo, ver o livro de Maria Arminda do Nascimento Arruda (2015), e a obra organizada por André Botelho, Gláucia Villas Bôas e Elide Rugai Bastos sobre o período (2008). A trajetória do grupo de intelectuais marxistas ligados a Fernando Henrique Cardoso na USP foi analisada por Fabio Mascaro Querido (2024).

já nos anos 1960, que lhe deu projeção internacional. Reivindicou coerência em sua trajetória intelectual, a partir da preocupação sempre presente com a questão do desenvolvimento como possibilidade para diminuir as desigualdades, lançando mão da análise dialética, daquilo que denominou “método histórico-estrutural”, em grande parte inspirado em Marx. Entretanto, afirmou rejeitar a “filosofia política, histórica do marxismo, uma dialética com uma finalidade definida, a superação pela revolução”, bem como refutou o chamado marxismo vulgar (Cardoso, 2013).

Fernando Henrique Cardoso falou também da ligação pessoal com vários personagens, caso do mentor Florestan Fernandes – que na época não via com bons olhos a militância partidária –, do citado Fernando Pedreira e outros amigos comunistas, como os admirados Caio Prado Jr. e Elias Chaves Neto, o cineasta Nelson Pereira dos Santos, os pintores Luiz Ventura, Mário Gruber e Otávio Araújo, e muitos mais, a exemplo de seus vizinhos, o físico Mário Schenberg e o arquiteto Vilanova Artigas⁴. Revelou passagens como ter dado carona para dirigentes comunistas participarem de reunião secreta no contexto de envolvimento com a Campanha da Paz e a Campanha do Petróleo, numa época em que o Partido estava proscrito e era perseguido. Contou sobre o pai Leônidas Cardoso, militar nacionalista e amigo de Luiz Carlos Prestes, referiu-se ao parentesco com o comunista histórico Octávio Brandão, primo de sua mãe, Nayde Silva Cardoso. Mencionou ainda uma infinidade de outros artistas e intelectuais do círculo comunista – e fora dele, caso dos socialistas Antonio Cândido e Paulo Emílio Salles Gomes, além de personagens que não eram propriamente de esquerda, como Roberto Gusmão, ex-presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), de 1947 a 1948. Foram pessoas com quem teve contato ou amizade, numa reconstituição viva de seu meio na época, conforme suas lembranças por ocasião da entrevista (Cardoso, 2013).

Entrevista

Marcelo Ridente (MR): *Como foi sua ligação com o Partido Comunista do Brasil (PCB) na juventude?*

Fernando Henrique Cardoso (FHC): Na verdade, não foi bem na juventude. Quando entrei na USP, aqui em São Paulo, eu me dedicava basicamente aos estudos, não tive nem vida política acadêmica, nunca pertenci a nenhuma organização política. Quando estava no secundário, eu tinha um pouquinho mais [de participação], mas

4. Esses e outros personagens da vida cultural paulistana na época, na órbita do Partido Comunista, aparecem vividamente em livros de memórias como os de Fernando Pedreira (2016), e Rodolfo Nanni (2014), na biografia de Nelson Pereira dos Santos (Salem, 1987), entre outros.

não partidária. Depois, quando fui para a USP, fiquei totalmente voltado aos estudos e não tive nenhuma participação partidária nem política maior enquanto aluno. Depois [sim], quando eu já era professor assistente, não posso precisar exatamente a partir de que época. Posso precisar os personagens. Eu fiquei muito amigo... – pela via artística, na verdade, nessa época tinham inaugurado aqui o Museu de Arte Moderna, na rua Sete de Abril, havia muita mobilização intelectual, essa *Revista de Novíssimos*⁵, havia muita reunião aqui na Livraria Francesa, onde funcionava a revista *Brasiliense* naquele mesmo prédio.

Fui muito amigo do Fernando Pedreira, que era casado com a Renina Katz, aquela gravurista. Fernando na época estava meio desempregado, mas era jornalista. E outro amigo meu era o Agenor Barreto Parente, advogado trabalhista. O Pedreira era membro do Partido Comunista. Tinha estado na Tchecoslováquia, aliás com um outro personagem que ninguém sabe que participou dessas coisas, chamado Roberto Gusmão, hoje é diretor da Anbev. O Gusmão nunca foi de partido nenhum, mas esteve naquela coisa de juventude, União da Juventude Mundial ou sei lá o quê, que era em Praga. Ele esteve lá na época do processo do Slansky⁶. Por esse círculo de amizade, que eu me lembre, é que passei a ter contato com setores do Partido Comunista. Basicamente, onde houve maior participação foi na revista *Brasiliense*, do Caio Prado e do Elias Chaves Neto, primo do Caio. Eu gostava muito do Elias. Éramos do comitê da revista. Mas, numa certa altura, também da revista *Fundamentos*, essa era do Partido Comunista.

MR: Seu nome aparece no conselho de redação da revista *Fundamentos*, desde o número 26 até o número 40, ou seja, de 1952 a 1955.

FHC: É isso aí.

MR: Todos os nomes desse conselho eram do Partido.

FHC: Exatamente. Essa foi a época... A revista *Fundamentos* já era uma revista do Partido. Eu escrevi um artigo lá, não me lembro qual.

5. Refere-se a uma revista literária de estudantes da USP, sobretudo da Faculdade de Direito, de cujo conselho diretor fez parte. Ele publicou dois poemas no primeiro número, um intitulado “Visão segunda”, e outro “Transbordamento”. Um desenho de Luiz Ventura, retratando o jovem Fernando Henrique, ilustra os poemas. *Revista de Novíssimos: Revista de Cultura e Arte a Serviço da Juventude*, 1 (1): 15-17, jan.-fev. 1949.

6. Refere-se ao processo farsesco movido na Tchecoslováquia em 1952 contra o ex-secretário geral do Partido comunista local, Rudolf Slansky, que foi sentenciado à morte, acusado de conspiração trotskista-titoísta-sionista junto com outros catorze dirigentes, onze dos quais seriam executados.

MR: É uma resenha crítica de um livro chamado *Retrato sincero do Brasil, de Limeira Tejo [Cardoso, 1952]*.

FHC: Que fez furor na época. Aí, a uma certa altura, eu participei de uma coisa mais dos intelectuais do Partido, por algum tempo, nessa época.

MR: Ou seja, alguns anos?

FHC: Dois ou três anos.

MR: Era algo que tinha uma certa organicidade, uma frequência de reuniões. Alguma célula política?

FHC: Não era bem assim. Era mais o movimento... O Partido Comunista tinha uma influência enorme, sobretudo entre os intelectuais. Então organizavam conferências, conferências de escritores, era mais um movimento do que propriamente... Tinha uma certa ligação, mas era mais um movimento desse tipo. Nessa época veio para o Brasil um sujeito chamado René Depestre, um poeta [haitiano]. Ele dava umas aulas de literatura lá em casa. O Schenberg – eu tinha me casado e morava na rua São Vicente de Paula, ele morava, [vizinho, bem como] o Jorge Wilheim, que era do Partido. Eu morava na mesma prumada do Mário Schenberg, que era também do Partido. Tinha um amigo meu, foi meu ministro, o José Israel Vargas, que era do Partido também. Todo mundo tinha alguma ligação com o Partido Comunista. Não sempre, não é esse período todo – não posso precisar exatamente quando – mas eu me lembro de reuniões sobre o Manifesto de Agosto de 1950. A decisão era que as condições objetivas para a revolução estavam dadas, faltavam as subjetivas.

MR: O senhor concordava com isso na época?

FHC: Eu nunca fui assim muito entusiasmado. Minha formação sociológica é anterior a isso. Eu li primeiro Weber. E nessa época ainda não tinha lido Marx, li depois. Quer dizer, *O capital*. Quando li Marx foi depois, nos anos 1955, 56. Aí já éramos contra o Partido Comunista. Eu me lembro dos seguintes fatos, com esse pessoal todo. Maurício Segall também.

MR: O Maurício Segall me disse que ele integrava uma célula do PCB na USP, composta também pelo Mário Schenberg, Vilanova Artigas. O senhor participava?

FHC: Participei. Sim, senhor. O Maurício a uma certa altura era o chefão. Eu me lembro até que uma vez tinha um congresso, ou qualquer coisa assim. Ele tinha automóvel. Eu também tinha automóvel. Quem tem automóvel nessas horas tem acesso ao comando e é arriscadíssimo porque [ao dar carona] sabe para onde é que eles vão. Mas logo em seguida começou a haver um movimento de crítica. Nós

já estávamos afastados, até porque o Pedreira, como eu disse aqui, participou do negócio do Slansky [ao visitar a Tchecoslováquia]. Então, quando ele veio para cá, estava um pouco cético. Ao mesmo tempo nós estávamos participando – o Jorge Amado aparecia de vez em quando – basicamente na área cultural e artística. Houve a Bienal de São Paulo. A Bienal era considerada o início da desmoralização burguesa. Arte burguesa. O abstracionismo era condenado. Pedreira escreveu artigos contra o abstracionismo. A Renina fazia gravuras realistas, muito boas, aliás.

MR: *Além dos clubes da gravura.*

FHC: Clubes da gravura. Era muita gente. A Stella Schic era pianista. O Cláudio Santoro, que era maestro. Todos éramos comunistas. Propriamente, do ponto de vista orgânico, a relação era mais frouxa.

MR: *Participou do Congresso do PCB de 1954?*

FHC: Não. E não só isso. Nessa época nós já éramos críticos. Nós tínhamos nos afastado do Partido. Durou pouco, porque nos afastamos e voltamos para fazer a crítica interna. Fernando Pedreira escrevia sob o pseudônimo de Pedro Salústio no jornal do Partido que era o *Hoje*. O chefe era o Câmara Ferreira, que eu conheci. Mas nós já estávamos numa posição muito crítica. Quando veio depois o [xx] Congresso de Moscou [do Partido Comunista da União Soviética, em 1956], houve as revelações [sobre os crimes de Stálin], aí nós já estávamos francamente críticos e houve um movimento aqui em São Paulo. Aí sim que nós pedimos para ter acesso às células dos trabalhadores. Não queriam dar. Uma vez fui com Maurício [Segall], Luís Hildebrando Pereira da Silva, que era médico, não me lembro se o Pedreira ou o Parente, lá na Mooca ou no Brás, sei lá. Os trabalhadores não entendiam nada do que nós queríamos, nem nós o que eles queriam. Sempre esse desentendimento entre o intelectual e o trabalhador.

MR: *Teve algum contato com a greve dos 300 mil de 1953?*

FHC: Não. Apoiamos, sim, apoiávamos as greves, mas de uma maneira não... digamos, apoiávamos muito mais do que estávamos metidos na questão. Eu me lembro de que, quando houve o congresso de Moscou [de 1956] com as denúncias, todas aquelas revelações, todo mundo estava já contra. Alguns ainda acreditavam na possibilidade de renovação, restauração do Partido. Nós já éramos muito mais céticos a respeito. Uma vez fui com o Pedreira, o Parente e o Sucupira, que era um jornalista aqui, comunista também, à casa do Paulo Emílio Salles Gomes na rua Sabará. Ele tinha voltado da Europa. Contaram nossos dissabores e tal. Ele disse: “Mas só agora?”⁷.

7. Paulo Emílio Salles Gomes voltou a São Paulo no início de 1954, após ter vivido em Paris desde 1946, como conta seu biógrafo José Inácio de Melo Souza (2002, pp. 347-357).

MR: *O senhor conta esse episódio também em outros depoimentos.*

FHC: Isso me marcou muito. Parece que cada geração tem uma certa desilusão.

MR: *Lembra-se de quando morreu Stálin?*

FHC: Lembro bem, recebemos a revista – acho que foi a *Fundamentos* – ou uma outra, que recebeu uma crítica do Prestes porque não foi suficientemente laudatória. Nós já estávamos bastante de pé atrás. Daí por diante... Quando houve a invasão da Hungria, foi ruptura aberta. Eu assinei um manifesto contra a invasão da Hungria.

MR: *Como funcionava a revista Fundamentos? Esse conselho de redação?*

FHC: Aí eu sei pouco. Eu sei da revista *Brasiliense*. Tem outro lado: meu pai [Leônidas Cardoso] em 1954 foi candidato a deputado, com apoio do Partido Comunista. Meu pai era general do Exército. Ele não sabia nada dessas coisas. Meu pai era super nacionalista. As pessoas achavam que ele era de vermelho, não era não. Era nacionalista, e como todo militar da época dele, de formação positivista, tinha muito desprezo por negócios e mercado. Mas ele não entendia esse negócio de luta de classe, não era o ângulo dele. Ele era um nacionalista exaltado e teve o apoio do Partido Comunista. Foi candidato, até, da panela vazia, em São Paulo.

MR: *O senhor se empenhou na candidatura de seu pai?*

FHC: Claro, quando foi candidato a deputado, ajudei também. Teve uma enorme votação. Foi o segundo mais votado, pelo PTB [Partido Trabalhista Brasileiro]. A primeira foi a Ivete Vargas. Era a campanha do petróleo. Eu também estive metido nisso.

MR: *Tinha a ver com o Partido Comunista, ou era outra coisa?*

FHC: Ultrapassava. O Partido estava mexendo, mas ultrapassava.

MR: *No seu caso, a vinculação era pelo Partido?*

FHC: Não, não. Era pelo meu pai. Eu fui processado, pois fui tesoureiro do Centro de Estudos de Defesa do Petróleo, de que meu pai era o presidente. Quando veio [o golpe de 1964], uma das acusações foi essa. Um tio meu, irmão de meu pai, também general, era presidente nacional do Centro de Estudos de Defesa do Petróleo. Esse era mais ligado ao Partido Comunista, não era comunista, mas entendia mais das coisas que meu pai. Participei da Campanha da Paz, Campanha do Petróleo.

MR: *Participou então da Campanha da Paz?*

FHC: Ah, sim. Não é bem participação: tem um comício não sei onde... Uma

vez, não me lembro exatamente em que local, acho que era no Jabaquara, o Jânio [Quadros] ia falar. E o Jânio era violento. Ele também estava em tudo isso, campanha da Paz, campanha do Petróleo. Depois o Jânio foi apoiado pelos trotskistas para ser prefeito de São Paulo, mas eu fiquei contra. O Jânio nunca foi coisa dos meus amores. Mas os trotskistas, sim [o apoiaram]: o Boris [Fausto], o Leônico [Martins Rodrigues].

MR: *Houve, então, participação sua mais orgânica na revista Brasiliense? Por intermédio do grupo do Florestan Fernandes na USP?*

FHC: Não, o Florestan não tinha nada a ver com isso.

MR: *Mas ele colaborou também com a revista Brasiliense, não é?*

FHC: Sim, colaborou. O Florestan nessa época estava muito afastado de qualquer política. Ele tinha horror a que a gente participasse de partido ou coisas assim.

MR: *Ele não gostou de saber que o senhor era ligado ao PCB?*

FHC: Não, não gostava disso.

MR: *Nem conversavam sobre isso?*

FHC: Não, não. Florestan tinha fama de ser trotskista, coisa que para os comunistas era horrível. Mas ele não era nada. Era professor, acadêmico, dedicado à vida acadêmica. Quem tinha mais militância era o Antonio Cândido. Mas era socialista. Que para nós também era um social-traidor [rs].

MR: *Esse grupo que se reunia, o Mário Schenberg, o Maurício Segall, o Vilanova Artigas, os irmãos Duprat também...*

FHC: Também, mas [com os Duprat] tive menos contato...

MR: *Havia reuniões regulares?*

FHC: Não creio que fossem regulares, de vez em quando. O Artigas era mais amigo meu, porque era amigo da Renina [Katz], ele morava lá no Brooklin e eu também. Eu ia muito à casa do Artigas e tal. O Schenberg também, por causa do que eu disse, morávamos no mesmo prédio. A filha [pequena] do Schenberg ficava às vezes lá em casa porque o pai saía. O Schenberg era muito interessante, muito inteligente, muito amalucado também nas coisas dele. Uma personalidade. Tinha sido deputado do Partido, como o Caio [Prado Jr.]. Também me deu muito com os dois. Na *Brasiliense* a figura dominante era o Caio.

MR: *E Elias Chaves Neto?*

FHC: O Elias era quem fazia. Eu gostava muito do Elias. Ele ia lá em casa de bicicleta, lá no Brooklin, de manhã. Nós ficávamos conversando. Era um sujeito fantástico. A essa altura, o Elias já era muito cétilo do Partido Comunista. O Caio também. Foi preso depois disso, mas já era muito [cétilo]...

MR: *Mas ele nunca deixou de militar no Partido.*

FHC: Não, não deixou. O Elias, eu não sei se deixou. O Caio ficou assim, mais ou menos e tal, mas o Caio escreveu um livro interessante sobre a revolução, de crítica [Prado Jr., 1966]. O Caio sempre teve uma certa integridade intelectual. Não era um Maria vai com as outras. Tinha opiniões. O Caio era um personagem muito interessante. Muito distante, assim. Eu ia bastante à casa dele, porque éramos jovens, falávamos e tal. Mas ele era uma pessoa mais distante. Dogmático. E corretíssimo. Um grande homem.

MR: *Sua ligação com ele era mais pessoal, como intelectual?*

FHC: Intelectual. Ele participava do mesmo [meio].

MR: *Menos pelo fato de terem os dois aproximação com o Partido?*

FHC: Muito menos.

MR: *Qual foi a ligação, e seu grau de parentesco, com o Octávio Brandão?*

FHC: O Octávio é primo-irmão da minha mãe. Foi criado pela minha avó. Mas eu não o conhecia, porque ele estava na Rússia. O Octávio foi para a Rússia em 1931. Nessa época ele foi visitar meu pai e minha mãe para pedir alguma ajuda, ou sei lá o quê. Porque meu pai era militar, isso foi a revolução de 1930, papai era do Clube 3 de Outubro; meu tio-avô era ministro da Guerra do Getúlio, Augusto do Espírito Santo Cardoso. Então, minha família tinha alguma influência. Contavam-me sempre isso, Octávio foi lá por alguma razão. Sabíamos dele e da mulher, Laura, que escrevia poesia, tinha três filhas e foi para a Rússia. Eu sabia longinquoamente. Depois, quando houve a anistia, ele voltou para o Brasil e foi eleito deputado estadual pelo Rio de Janeiro, ou coisa que o valha. E papai era deputado federal. Aí, ele ia à casa de meu pai na rua Conselheiro Lafaiete, no mesmo prédio onde morava o Carlos Drummond de Andrade. Em frente morava o Góes Monteiro, um pouco mais adiante. Aí o Octávio ia lá em casa. Eu me lembro dele conversando e tal e coisa. A mulher já tinha morrido. E na Rússia casou-se com uma irmã do Prestes. [A filha deles], portanto, é sobrinha do Prestes e minha prima, cujo irmão é meu amigo até hoje.

MR: *Brandão é primo da sua mãe?*

FHC: Sim, ele é Octávio Brandão Rego. Minha avó era Rego, mãe da minha mãe. Aí conversei com ele muitas vezes, ele ia lá em casa com alguma frequência. Nesse tempo ele tinha brigado com o Prestes, romperam lá em Moscou. Ele foi do Komintern, ou Kominform, um desses aí. Mas rompeu com o Prestes, especificamente. Eu conheci o Prestes também.

MR: *Nessa época?*

FHC: É. O Prestes foi tenente, como meu pai, só que o Prestes não participou de 1922, ele estava doente. Mas meu avô era general – dois generais apoiaram 22, o Hermes da Fonseca e meu avô, ambos foram presos em 1922. E o Prestes sabia dessas coisas. Quando eu via o Prestes conversando com meu pai, eles sempre falavam sobre o passado e sempre sobre as coisas militares.

MR: *Isso em que ano?*

FHC: Nos anos 1950.

MR: *Prestes sabia que havia uma aproximação sua com o Partido?*

FHC: Acho que não. Deve ter sido depois disso. Eu já não era mais [do Partido]. Papai foi eleito em 1954, foi aí que eu conheci o Prestes. Depois eu vi o Prestes um par de vezes pelo mundo afora. Uma pessoa... um militar, basicamente. Positivista de formação. Na linguagem da época eu diria: um pequeno-burguês radicalizado. [Tinha] uma visão muito pouco dialética. Um homem sério, correto e tal.

MR: *Nesse tempo havia um certo culto à personalidade dele, não é?*

FHC: Havia.

MR: *Inclusive nos meios intelectuais?*

FHC: Não. Eu pelo menos nunca senti isso. A última vez que eu me lembro do Prestes foi no Congresso. Eu era senador, ele foi lá. Eu o cumprimentei, ele me cumprimentou. Não sei se ele me ligou a meu pai ou a meu avô. Com o Prestes eu tive muito pouco contato e não foi político. O Octávio Brandão, aí, voltou para o Brasil e trouxe três filhas e deixou duas, ou sei lá. E deixou três filhas lá. Eu conheci duas das três, lá, quando visitei, quando fui a Moscou.

MR: *Como presidente?*

FHC: Antes de ser presidente e como presidente também, aí elas vieram à embaixada. Eu fui à casa delas antes de ser presidente, eu fui procurar. A minha mãe sabia, tinha

ligação. Depois eu trouxe, quando era presidente, uma das filhas de uma das minhas primas de lá, chamada Mariana, para o Brasil, logo depois do fim da União Soviética, porque estava muito mal de dinheiro. É física nuclear. Esse primo, esse irmão da sobrinha do Prestes – que é meu amigo – Tiscoski é o nome dele, professor (era, agora deve estar aposentado) do Fundão [UFRJ] lá no Rio, ele me procurou. É primo dela também, eu não sei muito bem as relações, pelo lado do Prestes, provavelmente. Então ele falou que ela estava mal, e eu trouxe a Mariana para o Brasil. Depois veio o marido da Mariana. Hoje ela é professora em Berkeley. Quando eu fui a Moscou uma das vezes, quando era presidente, fui visitar a parte arqueológica do Kremlin, o arqueólogo que estava a meu lado – saiu a fotografia no *Correio da Manhã*, no *Jornal do Brasil* – é meu primo, russo. Não fala português mais. Eu sempre brinco que tenho uns parentes russos.

MR: *E o Jorge Amado?*

FHC: O Jorge eu conheci bastante.

MR: *Nesse tempo?*

FHC: Nesse tempo e depois também. O Jorge sempre me apoiou nas campanhas. Naquele tempo, conheci também o irmão dele, o James, que namorou, vivia com uma moça do colégio Des Oiseaux, da Ruth [Cardoso]. Então, conhecíamos bastante o James e o Jorge. E aí também a Zélia [Gattai Amado]. O Jorge era uma pessoa de grande criatividade, um baiano típico, muito agradável, muito simpático, esperto, vivo. Mas que fez toda a coisa comunista, depois deixou. O livro dele sobre...

MR: *O mundo da paz, que ele nem deixou publicar de novo.*

FHC: É realmente uma coisa inacreditável. Custa crer como as pessoas vão tão longe nesse tipo de coisa.

MR: *No seu caso particular, ou do Caio Prado Jr., pessoas de elite, bem-nascidas e educadas, qual era o atrativo que o Partido Comunista exercia nesse momento? É preciso lembrar que esse começo dos anos 1950 – do Manifesto de Agosto – foi o período mais obreirista do Partido. No entanto, vocês, o Pedreira, a Renina Katz, o Mário Schenberg, todos atuavam no Partido. Qual era o chamariz?*

FHC: O chamariz na verdade era a desigualdade. Eram dois: a desigualdade e o desenvolvimento econômico, anti-imperialismo. A desigualdade era muito forte. Esses eram os dois polos de atração: é preciso o Brasil crescer, o capitalismo não permite e é preciso ter mais igualdade. Quando eu fiquei mais próximo, eu já tinha lido muita coisa, minha formação não foi do Partido, era Durkheim, Weber, então sempre fui

um pouco crítico disso aí, sem falar da Ruth, que era muito mais crítica ainda. Era antropóloga, nunca entrou nessa onda. Sempre tive distância.

MR: *E aqueles cursos Stálin de formação? Participou?*

FHC: Não, não.

MR: *Não teve nem notícia?*

FHC: Não, nem notícia. Nunca tive formação ideológica comunista. Eu tive essa aproximação pela via cultural, de amigos e tal, acaba você entra, vai mais longe. Depois, quando olha mais de perto, se assusta e diz: por aí não dá, né?

MR: *E o fato de o Partido ter uma rede de revistas e jornais?*

FHC: Também ajudava. Na verdade, o Partido era o grande propulsor de intelectuais. Não foi no meu caso, mas em geral era uma alavanca fantástica para poetas, romancistas. Te dava – num país que estava isolado do mundo – o que só eles tinham: contato internacional. Dava projeção. Vários amigos meus, por exemplo, o autor daquele quadro lá [mostra a obra na parede do escritório]. Chamava-se Luiz Ventura, trabalhava com o Portinari. O outro era o Mário Gruber. Outro que era fantástico, já morreu, chamava-se Octávio Araújo, um gravurista, éramos muito amigos. Todos foram para a Europa e lá tiveram acesso, por quê? Pelo Partido. O Partido era um canal de ascensão social, ou pelo menos de prestígio social, prestígio cultural. O Jorge Amado. Eu não usei esses canais, eu nunca fui, digamos, promovido pelo Partido. Mas muita gente foi. Muita gente teve a sua vida facilitada. Não que tivesse a intenção de fazer isso. Era natural. Mas havia mais do que isso. Havia a crença de que estava na hora de mudar o mundo. E não se sabia, porque é como disse o Paulo Emílio: leva dez anos, quinze, a nova geração descobre as barbaridades.

MR: *E participava do Movimento pela Paz Mundial?*

FHC: Participava, mas aqui.

MR: *Muitos brasileiros foram aos congressos.*

FHC: Eu nunca fui a nada.

MR: *Em que essa passagem pelo Partido influenciou depois o grupo d'O capital (seminário Marx)?*

FHC: Nada. O grupo d'*O Capital* era muito anti Partidão. Não era trotskista, porque ninguém era. O Paul Singer, que era o militante daquele grupo ali, só ele e eu que tínhamos tido alguma militância. O Paul tinha uma militância esquerdista sionista.

O Octavio Ianni nunca teve militância. Outros vieram a ter militância depois, como o Roberto Schwarz, já na fase da guerrilha, luta armada, acho que ficaram simpáticos [a ela]. O Fernando Novais, a sogra dele sim, a Elisa Branco, que ganhou o prêmio Stálin da Paz. Mas o Fernando nunca militou diretamente. O Michael Löwy era mais tipo intelectual, não tinha militância concreta. Quem tinha alguma experiência de alguma militância éramos o Paul e eu, que eu me lembre. Acho que o Weffort – mas ele veio depois, foi meu aluno – acho que teve alguma militância também, não sei, precisaria perguntar a ele. Os que tinham simpatias eram muito mais simpatias trotskycizantes, digamos assim. Ou anarcoides, tipo Bento Prado, mais anarquismo. Giannotti nunca teve militância nenhuma, partidária.

MR: *Mas havia a pretensão de romper com uma leitura considerada mecanicista de Marx.*

FHC: Isso sim, havia uma clara pretensão. Nem há dúvida. Era uma crítica justamente à ideologia, ao marxismo vulgar disseminado pelo Partido Comunista e à visão do Partido Comunista sobre o Brasil. Se você ler a minha tese de livre-docência sobre os empresários, você vê que ali estou dizendo: não tem burguesia nacional, isso é uma ilusão. A reforma agrária, os grandes industriais não querem. Existe associação com os estrangeiros. Enfim, a formação de sociólogo primou sobre a ideologia. Mas não fui só eu, nós todos tínhamos uma visão crítica da ideologia comunista na segunda metade dos 1950.

MR: *Voltando um pouco lá atrás, para a Revista de Novíssimos, de 1949, que não teve ligação com os comunistas. Lá aparecem o Boris Fausto, os irmãos Campos, Décio Pignatari, Ataliba Nogueira. Poderia contar alguma coisa sobre essa revista?*

FHC: Bom, o que eu me lembro: o Ataliba eu conhecia de antes, eu morava em Perdizes e ele também. Ele morava na Monte Alegre e eu numa rua paralela à Monte Alegre que naquela época se chamava rua Santa Adelaide. Eu estava fazendo teatro na casa do Ataliba, o pai dele era o Ataliba e tal [professor catedrático de Direito na USP]. O Boris, eu só vim a conhecer mais depois. Conheci o Haroldo e o Augusto, mas era aquele conhecimento aqui no Clube dos Arquitetos. O Boris tinha sido trotskista, o Haroldo e o Augusto [de Campos] não foram nada, que eu saiba. O Pignatari, se foi alguma coisa, foi anarquista. Não era um grupo...

MR: *O senhor era do conselho de redação. Como vocês se juntaram?*

FHC: Disso que estou tentando me lembrar, não consigo. Eu sempre tive alguma ligação com a literatura, eu gostava. Mas com outro grupo: esse rapaz, o Luiz Ventura, um outro chamado Célio Benevides de Carvalho, mais um outro que foi comunista,

Glauco de Divitiis, que foi um ator que era delegado, casou-se com uma moça bonita, amiga nossa. Nelson Pereira dos Santos, que hoje é cineasta...

MR: *Isso faz lembrar aqueles congressos de cinema no começo dos anos 1950. Tem memória deles?*

FHC: Vaga, mas tenho, por causa disso. O Nelson era muito amigo meu na época. Nós frequentávamos cinemateca, movimento cultural. Mas eu não era comunista. Podia ter, mas eu não era por esse lado. Mas a *Revista de Novíssimos* foi uma experiência que durou pouco. Tinha havido um congresso de literatura aqui, muito famoso. A abertura do Museu de Arte Moderna foi muito importante, aqui na rua Sete de Abril. Bardi era o diretor. O assistente dele era o Jorge Wilheim. Eu, a Ruth e o Giannotti fizemos o curso para sermos monitores do museu, num curso que o Bardi e o Jorge davam. A nossa vida era aí, do Museu de Arte Moderna para a Livraria Francesa, para a livraria Parthenon, que era na rua Barão de Itapetininga, para a rua Sete de Abril, [mais] o Instituto dos Arquitetos. Os bares – eu nunca fui de bar, o que sempre foi um problema para mim, porque todo mundo ia para bar, eu nunca fui, eu não bebo. Até hoje eu bebo vinho, e pouco. Ficavam naqueles bares ali da avenida São Luís, Paribar, não sei o quê. Era um São Paulo menor, onde o centro existia como polo de atração de um grupo, e tudo girava em torno de coisa intelectual. O impacto imenso do existencialismo.

MR: *O Partido tinha uma presença grande nesse circuito?*

FHC: Tinha. Mas na USP não, os meus colegas de USP. A USP não era alcançada pelo Partido Comunista, era uma coisa marginal. Ao contrário, a USP era mais udeno-socialista.

MR: *Bem mais tarde, quando presidente, ao conceder à atriz Fernanda Montenegro a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito, saiu no jornal a seguinte afirmação sua: "Há uma dor tremenda da saudade de não poder ser artista. Nunca consegui nem cantar, nem ser ator, nem ir para o cinema. Acabei político". Então, havia uma propensão sua para as artes na juventude?*

FHC: Tinha, tinha. Quem queria fazer de mim ator de cinema foi o Glauber [Rocha].

MR: *Qual era sua aproximação com ele?*

FHC: Muito pouca. Ele me apoiou na campanha. O Glauber era aquele estilo do Glauber. A uma certa altura, ele inventou que eu tinha de ser personagem de um dos filmes dele.

MR: *Qual deles?*

FHC: Não sei qual.

MR: *Em que época?*

FHC: Também não me lembro. Era a maior loucura.

MR: *Como veio a conhecê-lo?*

FHC: Conheci muito pouco. Mas a ligação com o meio de cinema era basicamente o Nelson [Pereira dos Santos], e tinha um diretor de fotografia, que fez aquela fotografia que está ali [dependurada na parede], que é muito boa, muito amigo nosso, comunista. O Ruy Santos.

MR: *Conhecia o Alex Viany?*

FHC: Conhecia. No fundo, era o mesmo ambiente. Já muito mais tarde o Gianfrancesco Guarnieri. Eu não me lembro se escrevi o prefácio de *Eles não usam black tie*, ele queria que eu fizesse.

MR: *Na época do lançamento da peça, em 1958?*

FHC: Na época. Um dos filhos do Guarnieri com a Vânia tem meu nome, é por minha causa. Mas aí foi mais tarde, já nos anos 60.

MR: *Voltando ao tempo da revista Brasiliense: o senhor disse que teve uma vinculação mais próxima com ela, mais orgânica que na Fundamentos. Como era?*

FHC: Participar de reuniões, que eram sistemáticas, no mesmo prédio da Livraria Francesa. O Caio já tinha a livraria Brasiliense, mas não era lá que funcionava, era aqui nesse prédio. Eu ia regularmente para discutir matérias, o que fazer, o que não fazer. Isso fazia parte do círculo de influência político-intelectual. A revista não era muito bem vista pelo Partido. Boa era a *Fundamentos*, para o Partido. Aquilo já era um sinal de independência. O Partido não era muito favorável a esse tipo de coisa.

MR: *Se a USP foi alheia ou até hostil ao marxismo nos anos 1950, isso mudou nos 1960, com o seminário d'O capital.*

FHC: Graças a nós. Quem trouxe o marxismo para a USP fomos nós, basicamente. O Giannotti, eu, o Fernando Novais, o Ianni. Nós ensinávamos, coisa que nós não aprendemos na Universidade. Não se lia Marx quando éramos alunos.

MR: *Vocês não pensaram em convidar o Florestan para esse grupo?*

FHC: O Florestan era outra geração. E olhava esse grupo com muita desconfiança.

Um dia ele nos encontrou e falou: quem é esse velho que vocês estão lendo aí? Era o Lukács. Ele tinha medo, com alguma razão, de que nós fôssemos voltar ao estilo que ele havia repudiado, do ensaísmo. O Florestan nessa época era o profeta da ciência empírica. A sociologia como ciência empírica. Pesquisa, objetividade, funcionalismo. Ele era funcionalista. Depois ele inventou aqueles três nichos: marxismo, weberianismo e durkheimianismo. Mas ele era basicamente funcionalista. Ele tinha escrito *A organização social dos Tupinambá*, e estava escrevendo *A função social da guerra entre os Tupinambá*, depois [viria] a tese de cátedra dele em 1964. Isso era puro funcionalismo. Quando eu escrevi *Capitalismo e escravidão*, ele ficou muito irritado com o prefácio. Nós éramos vizinhos. O Florestan para mim foi mais do que tudo. Foi meu professor, meu incentivador, meu chefe, meu vizinho. E amigo.

MR: *O que ele lhe falou ao lhe dar um abraço, quando tomou posse na Presidência?*

FHC: Não me lembro. Ele me influenciou a vida inteira. Nessa época, morávamos na mesma rua, Nebraska; ele não tinha telefone, eu tinha. Meu pai fora para o Rio e eu fiquei com a casa dele. Florestan ia quase todo dia lá em casa para falar ao telefone. Ele tinha mania de me acordar cedo. Fazia barulho na janela para eu acordar. Florestan era um personagem. Mas ele tinha horror dessa coisa de dialética, de existencialismo. Quando ele leu o prefácio de *Capitalismo e escravidão*, ficou louco. Eu estava com sarampo. Ele foi lá em casa para dizer que era impossível. Eu briguei com ele e disse: então dou para o Lourival Gomes Machado e ele aceita a tese. Aí ele ficou louco. Mas eu mudei o prefácio para amenizar as críticas que eu fazia ao funcionalismo, porque ele entendeu como críticas a ele. Não era. Eu estava criticando o Parsons, não sei o quê. Na minha cabeça, não estava matando o pai. Nunca fui de matar o pai. Eu sempre o venerei a vida inteira, até ele morrer.

Eu era senador e ele era deputado do PT. Ele ia chorar as mágoas no meu gabinete. Depois, eu era presidente, um dia ele ficou doente e eu fui vê-lo. Ele me disse: “Pois é, você vem aqui, e o Lula não deu um sinal”. Eu sempre tive uma relação afetiva com ele e vice-versa. Eu nunca tive essa coisa de destruir o pai. Ao contrário. [O prefácio] não foi por isso, foi por causa de crítica ao funcionalismo. Ele não gostou nada e eu mudei, amenizei a crítica e tal. O Florestan era muito generoso ao mesmo tempo. Era uma pessoa fora de série. Muito assim – como vou dizer? – temperamental. Ele não estava metido em política nenhuma. Ele entrou depois de 1964. Quando tiraram a cátedra do Florestan, tiraram a alma dele. O Florestan não podia viver sem a USP. Ele era um chefe de Escola. Tiraram a escola.

MR: *A sua participação, nesses anos 1960, depois do grupo d’O capital, foi importante na teoria da dependência, incorporando muito do marxismo num sentido abrangente.*

FHC: Ah, sim.

MR: *Em que momento passou a haver um distanciamento? O que a obra de Marx, em particular, e o marxismo em geral ainda significam?*

FHC: Se você olhar o que eu escrevi em *Capitalismo e escravidão*, o que eu escrevi na tese sobre os empresários, e mesmo na outra sobre política, e em *Dependência e desenvolvimento*, é tudo uma continuidade. Embora talvez eu nem tivesse essa consciência, mas no fundo a base do raciocínio é dialética. E é uma dialética histórica, não é abstrata. A ideia de que se tem de construir situações globais, tem de fazer um jogo sempre entre o geral e o particular. Isso eu faço até hoje. O método histórico-estrutural, eu não sei fazer outro. Quando eu analiso globalização, eu analiso assim, não de outra maneira. Paro nisso. O que nunca aceitei foi filosofia política histórica do marxismo, uma dialética com uma finalidade definida, a superação pela revolução. A teoria política marxista, não. Hoje é um pouco diferente, mas a análise mesma do capitalismo é [válida] até hoje. Quando, por exemplo, a [presidente] Dilma quer botar a taxa de retorno do capital em 6%. Não leu *O capital*, isso não é possível. O capitalismo é um sistema de acumulação pela acumulação. Se você quiser tirar alguma coisa dele, ou faz a revolução ou toma pelo Estado para fazer outras coisas. Se matar a acumulação, matou o capitalismo, não pode. A tendência à expansão, à globalização, se você ler os últimos capítulos de *O capital*, está lá. Nesse sentido, para mim, foi uma coisa formativa, não superficial. Nunca foi exclusiva, por causa da influência sobretudo de Weber, análise consentida, não sei o quê. E a não aceitação de um mecanismo histórico.

Agora, a compreensão do mecanismo, do funcionamento, sim, eu nunca disse outra coisa. Nunca neguei isso. Pode ser que eventualmente não seja o tempo todo, mas quando vou pensar em termos de processos globais, eu penso em termos assim, continuo pensando. Por exemplo, eu acho que toda essa coisa dos anos 1990 que nós fizemos no Brasil foi adaptar o Brasil à globalização. Não foi neoliberalismo. Eu nem sabia o que era isso. Eu nunca tinha ouvido falar em Consenso de Washington quando começaram a falar [nisso]. Nunca li nada disso. Estava tentando a coisa real. Óbvio que o modo de organizar a produção mudou. Ora, então tem de mudar muita coisa. Tinha que adaptar o Brasil a esse novo momento. Como eu não estava preocupado com a questão da superação da superação, com a revolução – não vai ter revolução nesse sentido, de R maiúsculo –, você vai ter que ajustar para melhorar a situação do país e da vida das pessoas. Como agora, estamos numa outra fase. Tenho dito para provocar: se o Lênin fosse vivo, já teria escrito *Uma nova etapa do capitalismo*, que é a globalização, não é mais o imperialismo. Então ele não foi a etapa final. Tem uma outra, a globalização é outra coisa, diferente do imperialismo. Porque o imperialismo

é o Estado, as forças repressoras a serviço do capital, colonização, guerra entre os países, conquista de mercados. Acabou isso. Hoje se tem outro tipo de coisa.

MR: *Voltando a sua obra nos anos 1960...*

FHC: Depois, nos anos 60 já, aí era outra coisa. Mas a influência da leitura de *O capital* era óbvia nesse *Dependência e desenvolvimento na América Latina*, um livro que marcou muito. Mais no exterior do que aqui, até mesmo nos Estados Unidos. Marcou até hoje, eles leem e tal. Porque era uma visão, na verdade, simples, mas alargava muito a percepção não só da América Latina como do jogo entre as classes, o poder. Era uma visão não mecanicista. Era a leitura da Cepal [Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe] sem mecanicismo. Teoria centro-periferia sem mecanicismo, politizando. E, portanto, não matando a possibilidade do desenvolvimento. Dependência e desenvolvimento. A ênfase não era na dependência, mas no desenvolvimento. As pessoas leram em geral pela dependência, aí fizeram outro mecanicismo. Foram o alemão Gunder Frank, o americano Petras, o Theotônio dos Santos. Aí transformaram aquilo numa condenação à dependência, ao atraso, ao subdesenvolvimento. Rui Mauro Marini era inteligente, mas misturou muito. Não tinham visão de processo histórico. Isso foi a versão que prevaleceu. Como no marxismo da USP, o que prevaleceu foi o marxismo vulgar.

MR: *Voltando ao seminário Marx, na tese da Lidiane Rodrigues (2011) sobre o grupo, ela observa que as notas do pessoal na graduação não eram altas. O nível de cobrança dos professores era muito exigente?*

FHC: Era muito exigente, outro nível. Eu nunca prestei atenção a isso, curioso. Era outro momento. Há um pouco, também, de mistificação sobre o seminário do Marx. Na verdade, quem inventou aquilo foi o Giannotti, ele queria fazer o que tinha feito na França, em Rennes: exegese de texto. A primeira leitura que ele fez foi uma leitura husserliana do Marx. Eu tenho no meu [exemplar de] *O capital*, anotado aí. Infelizmente, um dos volumes a Ruth emprestou para alguém [e se perdeu]. Mas era husserliana a visão, nós estávamos tateando ali para entender alguma coisa. O Paul Singer sabia mais, porque sabia economia. Alguns nunca entenderam muito, não vou dizer quem porque fica chato. Nunca entenderam. Outros tinham uma visão divergente. O Bento, por exemplo, o marxismo do Bento não era marxismo. Ele chamava de antropologia fundante. A oposição lá na discussão era entre os que acreditavam na antropologia fundante e os que eram pela estrutura, Giannotti fazia uma análise estrutural. Para ele, tudo era o trabalho e não sei o quê. A lógica viria da própria relação de produção, enfim, coisa assim. O que o Bento chamava de antropologia fundante era o papel da consciência e do ser, Lukács com Sartre. Era muito

rico, muito interessante. Mas prática, zero.

Alguns deles entraram em prática depois do golpe [de 1964]. Aí foram para a vida política concreta. Mas antes, não. Era teórico, um seminário. Muito rico. Nós todos fizemos teses, ou quase todos, o Giannotti, o Ianni, o Novais, eu, o próprio Roberto Schwarz. No fundo, todas as nossas ideias saíam dali. Vai pra cá, vai pra lá, ao contrário, a cabeça ao revés, mas saíam dali. O fundamento daquilo era o jantar. Tinha uma comida no fim. Durou muitos anos porque tinha jantar. Era divertido, era uma coisa viva. A gente brigava muito. Conseguimos brigar sem romper.

MR: *Outra coisa sobre sua trajetória. Seu perfil parecia o de alguém que iria para a Faculdade de Direito.*

FHC: É. Foi por acaso que eu não fui. Primeiro, porque fui reprovado em latim. Aí eu tinha entrado na Faculdade de Filosofia e me entusiasmei. Entrei para a Faculdade de Filosofia porque tinha um professor de geografia, Roque, que era aluno lá, entusiasmado com os [professores] franceses, [como] Monbeig. Ele entusiasmava a gente. E encontrei um professor de literatura da USP, o Fidelino de Figueiredo, quando estava com o Luiz Ventura e o Célio Benevides – que hoje é desembargador – em Lindoia. Eu queria ler o que ele estava lendo, ele não deixava. No final ele me chamou para vir falar com ele, que tinha um casarão ao lado da Escola Normal da Praça [da República]. Ele me disse: você deve ir para Ciências Sociais. E eu fui, aí me entusiasmei.

MR: *Não fosse a prova de latim...*

FHC: Eu seria advogado.

MR: *Quem sabe um ministro do Supremo?*

FHC: Na melhor das hipóteses. Meu pai era advogado, além de ser militar. Meu irmão foi advogado. Era inusual, em meu estilo de família, que eu fosse ser sociólogo. Ninguém sabia o que era isso. Meu pai era muito aberto de cabeça. Então, não se opôs. Ao contrário. Foi isso, me entusiasmei com aquele negócio lá e fui.

MR: *Um outro tipo de sociedade, não fundada na lógica da mercadoria, está fora do horizonte?*

FHC: Onde é que está? Difícil, tem de ser sonhador para imaginar, não é? Não pode ser sociólogo. Essa é a tragédia. Tem de haver uma certa utopia sempre, senão você não aguenta a vida. Eu tenho dito, pelo menos vamos pensar em termos de humanidade. Uma coisa que transcendia os egoísmos nacionais. Meio ambiente, humanidade. O mundo não vai poder continuar... Pega o mercado financeiro, logo vai ter uma nova crise, porque não mudou nada. Nada daquilo que é realmente fator incitador de crise.

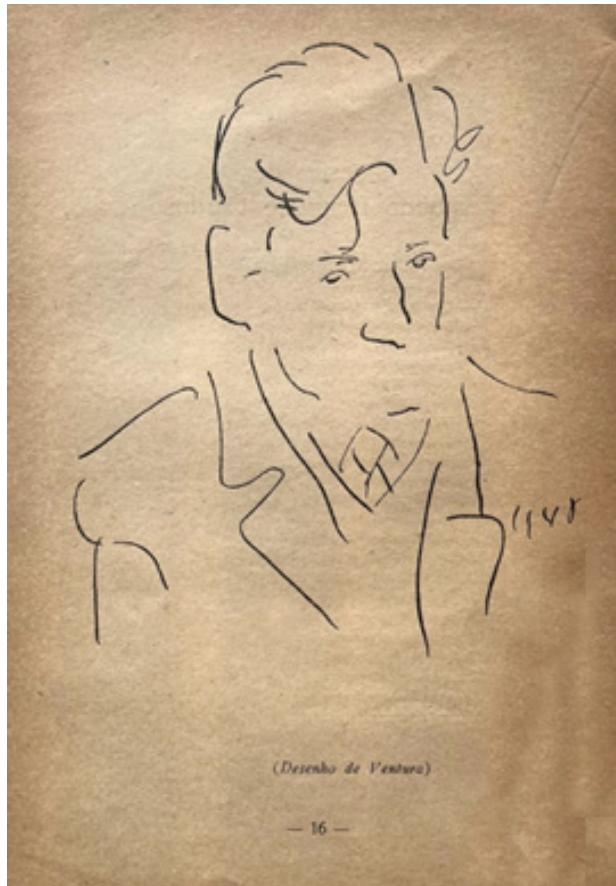
MR: *Isso pode gerar regressões autoritárias mesmo nas democracias ocidentais?*

FHC: Pode. Mesmo aqui. PT x PSDB. O prefeito eleito de São Paulo era [para ser] o outro, o Russomano [nas eleições de 2012]. Não foi por acaso, porque não tem base política real nenhuma. Espero que não dê, mas um pastor desse é um perigo. Um fundamentalismo qualquer dá autoritarismo. Não creio que tenha um autoritarismo militar agora [junho de 2013, dias antes das célebres manifestações de rua]. Mas dá autoritarismo. Pode dar. [...] A forma moderna de autoritarismo não é mais a antiga. É fechar mais a imprensa, é fazer uma intervenção econômica contra esse ou contra aquele, é fazer mobilização política de tipo demagógico. Não creio que vai voltar ditadura no sentido que nós tivemos. É outra, que está lindeira com o bolivarianismo, que também não é ditadura no sentido [estrito], mas também não é democracia. É outra coisa.

Referências Bibliográficas

- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. (2015), *Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX*. 2. ed. São Paulo, Edusp.
- AUTRAN, Arthur. (2003), *Alex Viany: crítico e historiador*. São Paulo, Perspectiva.
- BOTELHO, André; BASTOS, Elide Rugai & VILLAS BÔAS, Gláucia (orgs.). (2008), *O moderno em questão: a década de 1950 no Brasil*. Rio de Janeiro, Topbooks.
- CARDOSO, Fernando Henrique. (1949), “Visão segunda” e “Transbordamento” – poemas. *Revista de Novíssimos: Revista de Cultura e Arte a Serviço da Juventude*, I (1): 15-17, jan.-fev. 1949.
- CARDOSO, Fernando Henrique. (1952), “Um falso retrato do Brasil”. *Fundamentos*, IV (24): 26-28, jan.
- CARDOSO, Fernando Henrique. (1957), “Desenvolvimento econômico e nacionalismo”. *Revista Brasiliense*, 12, jul.-ago.
- CARDOSO, Fernando Henrique. (2013), Entrevista a Marcelo Ridenti. Instituto Fernando Henrique Cardoso. São Paulo, 10 jun.
- CARDOSO, Fernando Henrique – em depoimento a Miguel Darcy. (2015), *A soma e o resto – um olhar sobre a vida aos 80 anos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- CARDOSO, Fernando Henrique (2018). “Intelectual engajado, economista tinha rigor metódico e amor aos dados”. *Folha de S.Paulo*, 17 abr., p. A10.
- NANNI, Rodolfo. (2014), *Quase um século: imagens da memória*. São Paulo, Akron.
- PEDREIRA, Fernando. (2016), *Entre a lagoa e o mar: reminiscências*. Rio de Janeiro, Bem-Te-Vi.
- PRADO JR., Caio. (1966), *A revolução brasileira*. 2. ed. São Paulo, Brasiliense.
- QUERIDO, Fabio Mascaro. (2024), *Lugar periférico, ideias modernas. Aos intelectuais paulistas as batatas*. São Paulo, Boitempo.

- RIDENTI, Marcelo. (2022), *O segredo das senhoras americanas: intelectuais, internacionalização e financiamento na Guerra Fria cultural*. São Paulo, Ed. Unesp.
- RODRIGUES, Lidiane Soares. (2011), *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e um seminário (1958-1978)*. São Paulo, tese de doutorado em História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- SALEM, Helena. (1987), *Nelson Pereira dos Santos: o sonho possível do cinema brasileiro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- SOUZA, José Inácio de Melo. (2002), *Paulo Emílio no Paraíso*. Rio de Janeiro, Record.
- TEJO, Limeira. (1951), *Retrato sincero do Brasil*. Rio de Janeiro, Globo.
- VIANY, Alex. (1986), Entrevista a Antonio Albino Canelas Rubim. Rio de Janeiro.



O jovem FHC, em desenho de Luiz Ventura. Publicado em *Revista de Novíssimos: Revista de Cultura e Arte a Serviço da Juventude*, 1(1): 16, jan.-fev. 1949.

Resumo

Os anos vermelhos de um sociólogo: entrevista com Fernando Henrique Cardoso

O texto aborda um aspecto pouco explorado da trajetória de Fernando Henrique Cardoso: sua aproximação com o Partido Comunista do Brasil nos anos 1950. Após uma introdução sobre o tema, segue-se entrevista com o sociólogo, expressiva do ambiente intelectual, artístico e político da cidade de São Paulo no período. Cardoso revisita sua relação com os comunistas e a participação em iniciativas como a revista *Brasiliense* e o seminário Marx, e sua posterior formulação da teoria da dependência, que o projetaria internacionalmente. A entrevista ilumina em especial sua ampla rede de sociabilidade, envolvendo relações profissionais, políticas, de amizade, parentesco, formação escolar e vizinhança, compondo um panorama vívido do meio que marcou sua formação.

Palavras-chave: Fernando Henrique Cardoso; Anos 1950; Intelectualidade paulistana; Comunistas; Seminário Marx.

Abstract

The red years of a sociologist: interview with Fernando Henrique Cardoso

This paper explores a neglected aspect of Fernando Henrique Cardoso's trajectory: his rapprochement with the Communist Party of Brazil during the 1950s. Following an introductory discussion of the topic, the paper presents an interview with the sociologist that captures the intellectual, artistic, and political atmosphere of São Paulo during that period. Cardoso revisits his relationship with the communists and his involvement in initiatives such as the magazine *Brasiliense* and the Marx seminar, as well as the subsequent development of the dependency theory that would grant him international recognition. The interview sheds light especially on his wide-ranging network of sociability – encompassing professional, political, familial, educational, and neighborhood ties – offering a rich portrait of the environment that shaped his formation.

Keywords: Fernando Henrique Cardoso; 1950s; São Paulo intellectuals; Communists; Marx seminar.

MARCELO RIDENTI é professor titular de Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, IFCH-Unicamp, e pesquisador do CNPq. Autor de livros como os recentes *O segredo das senhoras americanas: intelectuais, internacionalização e financiamento na Guerra Fria cultural* (Ed. Unesp, 2022) e *Arrigo* (Boitempo, 2023), romance histórico. E-mail: mridenti@unicamp.br.